**Arte, processos de criação e potencialização do Ser:**

**Uma prática de cuidado no cotidiano de um CAPS AD**

Roger Fraga Coutinho[[1]](#footnote-2)

Mirela Ribeiro Meira[[2]](#footnote-3)

**Resumo:** Este artigo pretende apresentar alguns dos procedimentos de uma experiência com as artes visuais voltada à reabilitação psicossocial de usuários de álcool e outras drogas no CAPS AD Despertar de Canguçu, RS. Entende-se a arte como um meio de potencialização do ser através de ações que valorizem as transformações do sujeito durante o processo de criação. A metodologia da investigação, qualitativa, é a de um estudo teórico de reflexão sobre minha prática, ampliado por autores e teorias que dêem conta de pensar a arte neste espaço. Serviram de referências postulações de Ângela Philippini, Denize Boutollet, Lula Wanderley, Maria José R. Campos, Antonio Rodrigues da Silva, Edith Derdyk e Fayga Ostrower.

**Palavras-Chave:** Arte, processo de criação, reabilitação psicossocial

O ato de se fazer importante o suficiente para se responsabilizar pela interferência abrupta no território neutro de uma folha de papel sulfite deve ser o primeiro passo para a grande transformação na forma de um ser humano notar o universo ao seu redor.

Fernando Chuí

Ao iniciar este texto, que se dispõe ao desafio de revelar uma parcela - ainda que pequena, dos procedimentos propulsores da minha prática com arte em âmbito de Saúde Mental voltada para reabilitação de usuários de álcool e outras drogas - assumo, momentaneamente, a posição de narrador. Pois, acredito que a narrativa pode abarcar generosamente a dimensão sensível e também reflexiva das experiências que tenho vivenciado no curso dos três últimos anos da minha prática como artista visual, acionando o potencial criativo e expressivo de ditos *dependentes químicos* no CAPS AD Despertar, localizado na cidade de Canguçu, RS.

Uma das inquietações que mobilizam meu pensamento e esta escrita é a dificuldade de encontrar bibliografias específicas que abordem as artes visuais - com seu bojo específico de conhecimentos, princípios e saberes – como um meio de abordagem promotora de saúde voltada ao cuidado em CAPS AD. Em grande parte as bibliografias que se referem à arte no âmbito da saúde mental versam sobre arteterapia e se direcionam ao cuidado de pessoas com transtornos mentais. Desta ultima, minhas ações com arte tomam de empréstimo, não as técnicas e métodos operacionais, mas sim, alguns princípios que postulam pela valorização do ser através da reverência à singularidade, da valorização da subjetividade e do reconhecimento do outro como um legítimo outro na convivência (MATURANA, 2000).

A metodologia da investigação, qualitativa, é a de um estudo teórico, reflexivo, sobre minha prática, ampliado com autores e teorias que dêem conta de pensar a arte nestes espaços. Serviram de referencias para a reflexão sobre meu trabalho realizado na referida instituição pensamentos de Ângela Philippini, Denize Boutollet, Lula Wanderley, Maria José R. Campos, Antonio Rodrigues da Silva, Edith Derdyk, Humberto Maturana e Fayga Ostrower.

**O começo**

Um problema. Um questionamento voraz. Às vezes angustiante, mas notadamente algo que incita a criação. Este era o maior desafio ao começar esta trajetória. Como desenvolver uma prática de ações com as artes visuais voltada para o de cuidado e a reabilitação psicossocial de usuários de álcool e outras drogas? E ainda, como fazer isto dentro de um serviço de saúde que pauta-se pelo cuidado multidisciplinar, reconhecendo o ser como protagonista de seu tratamento? Serviço que pauta também pela preservação direito do usuário ao convívio social e à manutenção de suas relações de afeto. Persistia também a pergunta: Qual seria o papel de um artista visual no conjunto das intervenções multidisciplinares de cuidado em um Centro de Atenção Psicossocial? O que eu poderia fazer pelos usuários deste serviço que não poderiam fazer os profissionais com formação específica em saúde como: médicos, clínicos e psiquiatras, enfermeiros, técnicos em enfermagem, psicólogos, acompanhantes terapêuticos, arteterapeutas e ainda, assistentes sociais?

Precisava decidir rápido o que fazer e como fazer. Uma tomada de posição se fazia urgente. Apostei na linguagem artística e na sensibilização estética como forma de mobilizar a subjetividade dos usuários a fim de propor, juntamente com eles, possibilidades de tensionar/intensificar/estimular o posicionamento frente à vida e as problemáticas inerentes ao processo de reabilitação psicossocial. O fazer artístico e a expressão plástica seriam, neste caso, os meios com os quais eu e usuários criaríamos aberturas e espaço para uma nova forma de perceber o mundo, a vida e o cotidiano no tangente à questões particulares e coletivas.

Optei por apostar na construção de vínculos capaz de qualificar a nossa convivência no espaço de trabalho. Isto implica em estar com os usuários, percebê-lo em sua grandeza de ser, valorizando sua presença e dignificando suas escolhas e suas capacidades de expressão não só na arte, mas na vida, reconhecendo sua potência. A criação de vínculo implica também um olhar sem preconceitos - no sentido mesmo de ver o usuário sem uma noção ou idéia a priori - e sem julgamentos.

A cada encontro com os usuários deixava muito claro para eles que estavam participando de atividades artístico/expressivas destinadas a estimular suas potencialidades como seres criativos, expressivos e cognitivos, o que, em muitas ocasiões provocava estranhamento e desconfiança - e até descrédito- por parte deles. Alguns questionavam: o que produziam então era arte? E que importância isso teria pra eles? Questões que eu não respondia, apenas as mantinha em suspensão, justamente por perceber a indagação como algo positivo.

As atividades eram sempre propostas através de uma linguagem especificamente artística, com a qual, pouco a pouco, os usuários se familiarizavam - e da qual se apropriavam - à medida que as atividades se complexificavam e exigiam ações mais elaboradas. Não é demais reforçar que respeitando, sempre, o tempo de criação e elaboração de cada participante.

Tratava-se, no inicio, de descobrir se - ou o quanto - a arte poderia ser importante em seus tratamentos, e, o mesmo tempo, como demonstrar-lhes isto, e, ainda, como firmar a importância da arte para a equipe de profissionais do CAPS AD. Meu primeiro procedimento para construir uma prática especifica de ações artísticas de intervenção, junto aos participantes do espaço foi, justamente, valorizar a diferença e o estranhamento que arte poderia representar, dentro do bojo de conhecimentos e procedimentos da rotina intervencionista da instituição. Para tanto, precisaria de um solo fértil, um território de onde a arte e a expressão plástica pudessem emergir, e, com elas, uma boa parte da potencia dos sujeitos.

**O Ateliê de Arte|Expressão**

Decidi criar um espaço apropriado para a produção artística dos usuários / participantes. Um espaço que se tornasse muito semelhante a um ateliê de um artista profissional, com uma lógica de organização advinda das necessidades originadas pelo fluxo de sua produção artística. Assim, este espaço foi se particularizando e transformando pela presença de cada sujeito que passou por ele. Diferenciando-se de um *espaço de tratamento,* de uma *sala de aula* ou de uma *oficina,* assumiu a configuração de um território instigante e mobilizador do processo criativo, onde as pessoas têm contato, tanto físico quanto visual, com as matérias plásticas e com os trabalhos artiticos/expressivos realizados no Ateliê de Arte|Expressão. Embora não me considere arteterapeuta e nem execute uma práxis de arteterapia, alio-me a Ângela Philippini quando aponta que:

Cabe ao arteterapeuta uma atenção constante à preservação e um respeito ao trabalho criativo de seus clientes, evitando que seu espaço de trabalho transforme-se num gueto, para onde se mande os usuários para ficarem “ocupados” ou para que produzam produtos para bazar, ou decoração para as “festinhas” da instituição. (PHILIPPINI, 2004, p. 93)

O Ateliê configurou-se, assim, como um lugar de acolhida da diversidade das subjetividades. Histórias, narrativas, saberes, habilidades, capacidades e também limitações das mais diversas confluíam para um lugar, um *território de experimentações plásticas expressivas* que proporcionava sempre um contato com mundos diferentes: o da arte e da criação e o mundo que é cada ser, com seus sentimentos e emoções.

Direcionamo-nos, usuários e eu, através da práxis da criação plástico/expressiva, a um movimento de trocas de experiências pelo convívio baseado no respeito, na valorização do potencial criativo de cada um e em sua condição de sujeito e agente transformador de realidades. Entendendo a criação como algo que, passando pela práxis do fazer artístico expressivo, possibilite o encontro com novas formas e de pensar a vida no que toca os afetos, a cultura e a sociedade.

Lula Wanderley, artista plástico e psicanalista - que atuou juntamente com Lygia Clark nas suas experiências com os objetos relacionais e os utiliza como instrumentos terapêuticos - aproxima o cuidado terapêutico do gesto criativo em si, entendendo a criatividade na arte e na vida como um movimento contrário à repetição e à estereotipia, uma experiência que visa ampliar o contato afetivo com a realidade e tornar mais rico o horizonte de possibilidades na vida, na medida de cada um (BEZZERA, 2002).

Desta forma, o Ateliê de Arte|Expressão , no meu entendimento, deveria ser um território que permitisse uma percepção autêntica do usuário, vendo-o numa perspectiva além dos diagnósticos e das limitações. Focando os aspectos sadios e positivos, suas potencialidades.

**As ações**

O que me movia desde o inicio desta trajetória com a arte, como meio de abordagem e cuidado no CAPS AD, era a convicção de que a arte, como um campo da subjetividade, tem um grande potencial de tocar uma parcela considerável da sensibilidade, além de transformar a percepção que se tem a cerca do mundo e do ser humano. Permite assim pensar-se e expressar-se para além de qualquer limitação estética ou social. Sobre este aspecto, lembro Campos (1992), para quem:

Toda experiência artística de transcendência não evidencia um subjetivismo ingênuo, mas, antes, afirma o resgate fenomenológico da própria subjetividade, ou sua libertação de uma objetividade ditada por leis mecânicas (CAMPOS, 1992, p. 107).

Também penso em Silva (2009, p.99), ao propor que a experiência artística, “devidamente compreendida e vivida, apresenta um extraordinário poder formativo, tornando-se de grande valor na esfera da vivência humana e necessária para que o ser humano se torne capaz de conhecer e mudar o mundo.

Deste modo, penso que as experiências de um processo artístico que tem a arte e a criação como meio de dar forma ao que nos habita enquanto sonhos, desejos, esperanças, emoções e sentimentos, confluem para uma percepção renovada, sem estereótipos ou rotulações sobre si, a vida e o outro. Onde o imaginário pode associar-se a uma vontade inventiva, criativa acionadas durante o processo de criação e expressão plástica, agregando sentindo ao dar forma, ao que antes poderia ser uma idéia, um pensamento, uma centelha, uma potencia.

Sob esta ótica, encontro uma generosa contribuição nas palavras de Edith Derdyk (2001):

A experiência criadora designada pela capacidade humana de fabricar, emprestar, construir, negar, afirmar, extrair, atribuir, relacionar, imanta o mundo de sentidos para serem sentidos, constituindo as distintas maneiras como cada um de nós interage com os múltiplos universos de outros seres. (DERDYK, 2001, p. 25)

Baseando nisto, proponho sempre aos participantes do ateliê ações que explorem o potencial criativo, do individual ao coletivo. De modo que, vindo do individual cada um, possa revelar ao grupo algo importante do seu universo particular, subjetivo. E, a partir disto, ele se perceba no construir de ações de criação coletiva. Onde a inter-relação põe em jogo mundos distintos que, no momento de criação, confluem em um outro mundo, erguido pela soma dos potencialidades de cada participante.

Dentre as ações desenvolvidas, cada um pode explorar suas potencialidades criativas e expressivas através de várias linguagens, como pintura, desenho, gravura, modelagem, escultura, expressão corporal, fotografia e colagem. Estas podem ser experimentadas tanto através de materiais precários - recicláveis, descartados passiveis de ressignificação – e materiais sofisticados, ainda utilizando-se de todo tipo de instrumentos compatíveis com as necessidades de expressão de cada um.

Notadamente, as ações de arte em um Centro de Apoio Psicossocial AD, em meu entendimento, devem enfatizar a produção de sentido, e jamais configurar-se como uma ocupação vazia, ou simplesmente de entretenimento. Elas devem possibilitar, por meio do processo de criação e da sensibilização estética, a mobilização de um pensar frente à vida e a seus acontecimentos.

O trabalho com arte assim contribui para um despertar do pensamento contra a alienação e a estagnação, a fim de criar estratégias de superação de estigmas e de dificuldades, sejam estas de que ordem forem. O poder e o prazer da criação experimentados nas ações artísticas devem instigar o desejo de criar também na vida: criar novas formas de viver e expressar seus desejos e de se colocar como ser integrante de uma sociedade, reconhecendo o que lhe torna um ser único e capaz de provocar mudanças ao seu redor.

Liebmann (2004) assinala algo que me auxilia a pensar esta prática, quando afirma que:

...é preciso cuidar para não utilizar a arte como meio de repetição de tarefas sem sentido ou ações desprovidas do desejo genuíno de entrar em contato com o sentimento íntimo, necessário à produção artística. (apud MUNARI, 2004, p.76)

A ação artística deve, então, favorecer a identificação dos sujeitos com o mudo da arte e da criação artística, assegurando e respeitando o tempo de criação de cada um, sem impor uma meta de trabalho que não venha do seu intimo desejo de expressão. Sem conduzir de forma incisiva o processo de criação, valorizando tanto as respostas individuais quanto as coletivas, entendidas como as possibilidades *autênticas* no momento em que se dão. E ainda, é indispensável que consigam absorver as singularidades de cada um no tocante às suas preferências por linguagens expressivas.

O conjunto das ações artísticas no CAPS AD partem da sensibilização estética e do processo de criação, da reflexão sobre fazer artístico sobre os trabalhos individuais e coletivos para serem complementado com visitas a mostras e exposições de arte, bem como pela realização de exposições da produção artística realizada no ateliê. Assim, cria-se uma espécie de ligação entre o íntimo da produção de um grupo e o meio público como um exercício de afirmação e cidadania, preservando o direito de acesso aos bens culturais.

Penso em Fischer (2009) quando este assinala que:

O nosso “Eu” limitado sofre uma ampliação maravilhosa pela experiência de uma obra de arte. Realiza-se dentro de nós um processo de identificação, de modo que podemos sentir, quase sem esforço, que não somos meras testemunhas da criação, que somos um pouco, também, criadores daquelas obras que estendem os nossos horizontes e nos elevam acima da superfície a que estamos apegados. (FISCHER, apud SILVA, 2009, P. 99)

É a esta capacidade de transcender as barreiras de uma compreensão limitada e/ou estigmatizadas do “eu” que as ações artísticas voltadas à reabilitação psicossocial de usuários de álcool e outras drogas têm recorrido ao longo dos três últimos anos. Período em que tenho me colocado como um artista visual mediador entre o campo das artes visuais e o processo de criação e, também, como um espectador de transformações do sensível.

**Considerações Finais**

Os questionamentos que mobilizaram meu pensamento e me impulsionaram ao início desta trajetória ainda não possuem respostas definitivas, entretanto, neste período em que tantas ações artísticas foram realizadas, consigo perceber algumas transformações importantes. A primeira delas é a que acontece com meu olhar sobre a necessidade de expressão e criação do ser humano, e a compressão da autenticidade e da capacidade expressiva. Como artista, nunca me detive de forma tão atenta sobre processos de criação. Lembrando de Fayga Ostrower (1996, p.9), que considera a criação como ato de “dar forma a algo novo”, e abrange a capacidade de compreender, relacionar, ordenar configurar e significar, vejo que esta experiência com a arte me fez perceber o potencial (trans)formador do processo de criação.

Pouco a pouco, os sujeitos do ateliê se familiariza com a linguagem artística e empreendem esforços para conformação e reconfiguração de sentidos através do fazer artístico cotidiano.

As propostas de ações que pressuponham um processo que envolve a percepção do tempo do fazer, inerente a cada trabalho de acordo com a linguagem em que esta sendo desenvolvida, desperta a sensibilidade e promove conhecimento que são relacionados em trabalhos posteriores, além de uma significação mais consistente do fazer artístico que, em muitos casos, possibilita a valorização da obra de arte pelo reconhecimento da complexidade do fazer.

As propostas coletivas geram a cooperação entre os participantes para que, com liberdade, possam, cada um, explicitar o que sentem mais prazer em fazer, que posição ocupar entre o grupo, e como podem se organizar no desenvolvimento de cada ação.

Em alguns casos, nas ações individuais, é possível perceber que, com a continuidade das seções de trabalho, se insinua uma linguagem pessoal, com elementos plásticos como formas, cores e distribuição espacial recorrentes, peculiares ao modo de configurar de cada um.

Observo que, muitas vezes, percebem sutilezas inerentes ao processo de criação, como a especificidade de instrumentos, dos materiais, dos suportes bem como, as implicações do tempo no fazer.

Com as verbalizações sobre os trabalhos desenvolvidos com os quais se intenta lançar olhares sobre os modos de relacionamento com a vida e o mundo, as pessoas resignificam pensamentos e atitudes frente às problemáticas que as conduzem ao cuidado psicossocial.

Alinhavadas de forma breve, estas considerações talvez favoreçam a percepção que tenho acerca das possibilidades que a arte pode trazer ao campo da reabilitação psicossocial, neste caso, especificamente voltado ao cuidado cotidiano de usuários de álcool e outras drogas. Tendo em vista que processo de reabilitação pressupõe a potencialização do ser em vários aspectos, a arte pode ser uma importante aliada no despertar das potencialidades deste ser, instigando-o a ver o mundo com outras perspectivas capazes de incorporar novos significados à existência.

**Referencias**

BEZERRA, Benilton. **Texto de apresentação**. In; O dragão pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto relacional de Lygia Clark. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CAMPOS, Maria José Rago. **Arte e verdade**. São Paulo: Loyola, 1992.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. São Paulo: Escuta, 2001.

MATURANA, Humberto. In NICOLESCU, Basarab ET AL. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

MUNARI, Denize Bouttelet. Arte**, arteiros e artistas: uma reflexão acerca da arte como forma de cuidado humano em saúde mental.** In: Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. São Paulo: Vetor, 2004. P. 69 – 86.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 11ª ed. 1996.

SILVA, Antonio Almeida Rodrigues da. **O jogo-da-arte: possibilidades e aberturas**. In: Revista Eletrônica Correlatio nº 16. São Paulo, 2009. Disponível em:<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/COR/article/view/1619/1627>. Acessado em 17/06/12.

TIBURI, Marcia, CHUÍ, Fernando. **Diálogo | Desenho**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. (org). **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004.

WANDERLEY, Lula. **O dragão pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto relacional de Lygia Clark**.Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

1. Bacharel em Artes - Pref. Mun. Canguçu/CAPS AD - Mestrando em Artes Visuais – IA/UFPEL [roger.coutinho@ymail.com](mailto:roger.coutinho@ymail.com) [↑](#footnote-ref-2)
2. Drª. Em Educação | Profa. Adjunta - Depto. Ensino FaE/UFPel - mirelameira@gamil.com

   Orientadora do artigo [↑](#footnote-ref-3)